

La Comédiathèque

Ela e Ele

Monólogo Interactivo

Jean-Pierre Martinez

comediathèque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Ela e Ele, Monólogo Interativo

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Comédia em esquetes sobre a emocionante jornada da vida a dois.

Entrada dos Artistas.....	3
1 – Noite de núpcias.....	6
2 – A Época das Cerejeiras.....	8
3 – Avaria na Televisão.....	11
4 – Quarentena.....	14
5 – Definição do Amor (Pelo que não é).....	17
6 – Reencontro.....	18
7 – Carpaccio ou Bacon?.....	20
8 – Desaparecimento.....	23
9 – O Mundo do Desporto.....	26
10 – Para Onde Vamos Depois de Morrer?.....	29
11 – A Estação das Chuvas.....	32
12 – Talho.....	34
13 – Um Par de Velhos.....	37
14 – Pesadelo.....	40
15 – Os Móveis.....	42
Saída de Emergência.....	45

Um casal por cena, o mesmo ou diferente a cada vez.

Entrada dos Artistas

A escuridão instala-se, como se o espetáculo estivesse prestes a começar. No entanto, nada acontece por um tempo considerável, o que começa a gerar desconforto na plateia. A luz retorna num canto da sala, onde um espectador e uma espectadora, que parecem não se conhecer, estão sentados juntos. O homem consulta nervosamente o "Guia de Lazer" e verifica o seu relógio. A mulher pega pipocas de um grande cone e come-as de forma pouco discreta e compulsiva.

Ele – Desculpa... Sabes o que está a acontecer?

Ela (*com um gesto de ignorância*) – Bem... estamos à espera dos cómicos...

Ele – Até agora, apenas os espectadores mal-educados chegavam atrasados ao teatro. Se os atores agirem da mesma forma...

Silêncio.

Ela (*preocupada*) – Permite que dê uma olhada no teu guia? Caso a representação seja cancelada...

Ele passa-lhe o seu Guia de Lazer. Ela não sabe como segurá-lo com o seu cone de pipocas nas mãos.

Ela (*dando-lhe o cone de pipocas*) – Queres?

Ele hesita por um momento antes de aceitar, para libertar as mãos. Ela folheia o guia, sem encontrar o que está a procurar. Ele come as pipocas com um ar desgostoso.

Ela (*desistindo*) – Não encontro nada neste guia...

Ele – E eu não gosto de pipocas...

Ela devolve-lhe o guia e pega no seu cone.

Ela – Fazer o quê...! Já é tarde para o cinema... Teremos de esperar...

Ele – Vamos ver se pelo menos vale a pena...

Ela (*preocupada*) – As críticas são más?

Ele (*olhando para a plateia*) – Não há muita gente na sala...

Ela – Olha, as críticas nem sempre significam muito... Às vezes, no teatro, vemos coisas que são elogiadas pela imprensa especializada e duram séculos... Ninguém ousa dizer que está aborrecido, com medo de parecer um idiota. E depois dizem a eles: a prova de que é uma peça profunda é que vocês não entenderam nada...

Ele – Comédia não é tão fácil. Se as pessoas não se riem durante a representação, não vão dizer depois: é uma comédia muito engraçada, mas apenas para os críticos.

Ela – És crítico?

Ele (*surpreendido*) – E tu?

Ela – Atriz...

Ele – Ah, sim... Claro...

Ela – Além dos cómicos e dos críticos, quase ninguém vai ao teatro agora, certo? De cada dois espectadores, pelo menos um é ator. Acabaremos por não saber onde está o palco...

Ele – Conheces a peça?

Ela – Não... mas uma amiga minha atua nela. Vim vê-la... para a ajudar.

Ele – Ela é uma atriz famosa?

Ela – Ela faz mais teatro...

Ele – Então... (*Suspeitoso*) e és mesmo atriz?

Ela (*preocupada*) – Achas que não atuo bem?

Ele – Sim, sim... Atuas muito bem!

Ela – Atriz à noite e... guardiã de museu de dia.

Ele – Dada a modernidade do repertório, não é assim tão diferente...

Silêncio.

Ela – Não tenho mais pipocas...

Ele (*suspirando*) – Talvez morramos de fome antes do início do espetáculo...

Ela – Sim... Parece que nos esqueceram...

Ele – Daqui a alguns anos, uma empregada encontrará os nossos dois esqueletos de mãos dadas.

Ela – De mãos dadas...?

Ele – Ao ver o fim aproximar-se, talvez nos entreguemos num gesto de ternura. Somos como dois náufragos numa ilha deserta, não é? Não temos escolha...

Ela – Achas que nos vão devolver o dinheiro?

Ele (*surpreso*) – Compraste os bilhetes?

Ela – Não...

Ele – Então...

Eles levantam-se para sair.

Ele – Talvez possamos voltar outro dia...

Ela – Se a peça ainda estiver em cartaz...

Ele – Iremos ver outra.

Ela – É um convite?

Ele (*tirando um cartão*) – Para dois.

Ela – Espero que desta vez comecem a horas... O que é?

Ele (*lendo o cartão*) – "Ela e Ele"...

Ela – Parece aborrecido, não?

Ele – Desculpa, vou ligar o telemóvel de novo...

Ela – Ah, sim... Tinha-me esquecido de o desligar...

Eles saem. Escuridão na sala.

1 – Noite de núpcias

Ela e ele deixam-se cair no sofá, exaustos.

Ela – Finalmente! Pensei que nunca mais sairiam...

Ele – Dizem que de cada dez casais, sete não fazem amor na noite de núpcias... Agora entendo porquê...

Ela (*com desejo*) – Tentamos melhorar a estatística?

Ele – Esqueces-te de que partimos às cinco da manhã... De Beja...

Ela – De Beja?

Ele – Já te disse! Comprei os bilhetes num leilão no "E-Bay"...

Ela – Por que é que as companhias "low-cost" têm de partir de Beja?

Ele – Talvez seja porque quando partes de Beja, ficas entusiasmado por aterrar em qualquer parte do mundo.

Ela – Até em Bratislava...

Ele – Dizem que Bratislava é muito bonita... Na primavera...

Ela – Não estarás a confundir com Praga?

Ele – Está ali perto, não está?

Ela – As Maldivas são bonitas o ano todo... E lembra-te que a primavera só começa daqui a dois meses...

Ele – As Maldivas... Toda a gente vai para lá, não é?

Ela – É verdade que uma viagem de lua de mel a Bratislava é muito mais original... Não nos cruzaremos com muitos recém-casados no avião... o único casal que confundiu Bratislava com Brasília conseguiu vender os seus bilhetes de novo no "E-Bay"...

Ele – Pagaremos as Maldivas daqui a uns anos... Para o nosso aniversário de casamento...

Ela – Sim... As nossas bodas de prata... Quando eu já não conseguir entrar no biquíni... (*Suspiro*) a vida é estranha. Devíamos herdar aos vinte anos, começar a trabalhar aos cinquenta após a reforma e ter filhos aos setenta, para não envelhecemos sozinhos... E o casamento serviria como extrema-unção...

Ele – Por outro lado, uma vida sem sogra... Não sei se valeria a pena...

Ela – Achas que ainda te amarei daqui a vinte anos?

Ele – Não terás muita escolha... Quando já não conseguires vestir nenhum fato de banho...

Ela – Uma amiga minha disse "não" no dia do casamento. A brincar. Queria dizer "sim" imediatamente depois... Mas o padre não achou graça. A rapariga teve de esperar seis meses antes de voltar à igreja... Parece que há um período de carência. Como para tirar a carta de condução. Não podes voltar a fazer o exame imediatamente após teres falhado... Sabias disso?

Ele – Não...

Ela – Os casamentos são aborrecidos, não são?

Ele – Não nos casamos para nos divertirmos...

Ela – Não me digas que é para viajar para Bratislava a partir de Beja no meio da noite, senão realmente não sei por que disse "sim"... Em que país fica Bratislava exatamente?

Ele – Não sei... Praga costumava ser a capital da Checoslováquia...

Ela – Então nem sequer sabes para onde me levas na lua de mel... A minha mãe tinha razão. Não sei para onde vou contigo...

Ele – Espera... Agora Praga é a capital da Chequia... Bratislava deve ser a capital da Eslováquia. Ou da Eslovénia... De qualquer forma, é na zona do euro! Nem sequer precisamos de trocar dinheiro...

Ela – E tu... Ainda me amarás daqui a vinte anos?

Ele – Como não amar para sempre uma rapariga que aceita seguir-me para um país desconhecido na zona do euro?

Ela – Se for para me testar, então...

Sequência emocional, interrompida por ele.

Ele – Não quero apressar-te, mas o avião descola dentro de duas horas. E Beja não fica exatamente ao virar da esquina...

2 – A Época das Cerejeiras

Ela e ele estão sentados no sofá.

Ela – Vês? A cerejeira está em flor.

Ele – Já é outro ano...

Silêncio.

Ela – Somos felizes, não somos?

Ele – Sim... (*Após um momento*) Ficamos entediados, não ficamos?

Ela – Juntos?

Ele – O que achas?

Ela pensa.

Ela – Podíamos trocar o sofá...

Ele – E o que fazemos com o antigo?

Ela – Ir de férias...

Ele – Para onde?

Ela – Convidar os vizinhos?

Ele – Para celebrar o quê?

Ela – A floração da cerejeira!

Ele – Dizem que os japoneses fazem isso na primavera. Convidam amigos para admirar a sua cerejeira, bebendo chá, sem dizer nada...

Ela – Melhor não demorar. As primeiras pétalas já estão a cair.

Ele – Como o meu cabelo.

Ela – O teu cabelo?

Ele – Começa por um e depois ficas careca sem dar por isso... (*Após um momento*) A quem poderíamos convidar?

Ela – Amigos.

Ele – As pessoas nunca estão disponíveis...

Ela – Se os avisares com antecedência.

Ele – Convidas para tomar uma bebida e eles tiram as agendas. Em vez de bebermos, discutimos uma data possível. Na semana seguinte, ligam para dizer que afinal não podem e marcam outra data... Quando me apetece beber, é logo. Daqui a duas ou três semanas, talvez já não tenha sede. Não há espontaneidade!

Ela – Talvez seja porque as pessoas têm medo de ficar entediadas.

Ele – Vais ver! Eles não estarão dispostos. Vão propor uma data. Entretanto, as pétalas da cerejeira estarão no chão.

Ela – Um tapete de pétalas também é muito bonito.

Ele – Hoje está bom tempo. Que tempo fará daqui a um mês? Além de acertar as agendas, terias de consultar o serviço meteorológico. Convidar amigos torna-se ainda mais complicado do que prever um eclipse. Não... em vez de tentar divertir-me com tanta gente daqui a um mês, prefiro ainda estar certo de me aborrecer contigo em breve.

Ela – Obrigada...

Ele – Há pouco tempo, o meu melhor amigo deixou-me uma mensagem. Havia seis meses que não tinha notícias dele. Liguei-lhe logo e convidei-o para beber algo. Ele respondeu que não estava disponível, que me ligaria para marcar uma data. Ainda estou à espera que ele ligue. Nem sequer sei por que me ligou...

Ela – Talvez estivesse um pouco deprimido...

Ele – Não sei se se sentiu melhor depois da chamada. Daqui a seis meses, ligar-me-á de novo e será a mesma coisa. É isto que chamamos de amigos agora. A internet é igual, não é? Dizem que é "amigável". Não se fala com o vizinho ao lado, mas com isto fala-se com chineses em esperanto. Conheces muitos chineses?

Ela – Quando era criança, com o meu vizinho da frente, tentávamos comunicar à noite com lanternas de mão usando código Morse. Também não funcionava muito bem...

Ele – As pessoas estão sempre ocupadas. O que terão de fazer tão interessante para nunca terem tempo para tomar uma bebida com o seu melhor amigo de repente? Eu tento ficar disponível. Mas nunca ninguém está livre. Então aborreço-me... Tu não te aborreces?

Ela – Contigo, nunca...

Silêncio.

Ele – E se mesmo assim tomarmos essa bebida?

Ela – Os dois?

Ele – Estarias disponível?

Ela – Quando?

Ele – Agora mesmo!

Ela – Por que não?

Ele – Vou buscar os copos.

Ela – E eu as amendoins.

Alguém bate à porta.

Ele – Estamos à espera de alguém?

Ela – Não... Quem poderá ser a esta hora? Vamos jantar...

Ele faz um gesto de que também não sabe.

Ele – As pessoas são tão mal-educadas. Não podemos estar tranquilos por cinco minutos, nem sequer durante o fim de semana.

Ela – Vou ver quem é...

Ele – Não estou disponível para ninguém.

Ela – E se for um amigo?

Ele pensa.

Ele – Dizes-lhe que a nossa cerejeira do Japão está em flor... E que volte quando houver cerejas.

3 – Avaria na Televisão

Um casal sentado num sofá. A sala está vazia de outros móveis. Não fazem nada, não dizem nada, e olham fixamente para a frente.

Ela – O que há na televisão esta noite?

Ele – Não sei. Porquê?

Ela – Só para saber... (*Um tempo*) A sério que não queres comprar outra?

Ele – Quando tínhamos televisão, não conseguíamos parar de olhá-la.

Ela – Foi feita para isso, não foi?

Ele – Éramos completamente viciados! Não fazíamos mais nada a não ser isso!

Continuam a olhar fixamente para a frente.

Ela – E agora, o que fazemos?

Ele – O que queres fazer?

Ela – Nada...

Ele – Mais vale assim, porque ver televisão... Quando havia apenas um canal, pelo menos... Mas agora, com a televisão por satélite...

Ela (*nostálgica*) – Quando era pequena, não tínhamos televisão. Ia vê-la na casa do meu vizinho...

Ele – Queres que pergunte ao vizinho se podes ir à casa dele ver televisão?

Silêncio.

Ela – Podíamos discutir.

Ele olha preocupado.

Ela – Já que não temos televisão, podemos aproveitar para discutir.

Ele – Então, vamos. Começas tu.

Ela pensa.

Ela – Amas-me?

Ele (*desconcertado*) – Talvez pudéssemos começar de forma mais gradual, não?

Ele pensa.

Ele – O que há para jantar esta noite?

Ela – Hoje é quarta-feira, é dia de peixe.

Ele – Normalmente, é à sexta-feira...

Ela – À sexta-feira é coelho.

Ele – Não é muito católico, isto, pois não?

Silêncio.

Ele – Vamos comprar peixe?

Ela – Irei. Tenho de comprar lentes de contato.

Ele – Lentilhas com peixe?

Ela – Lentes de contato... E se comprássemos bacalhau, para variar?

Ele – É muito salgado, não é?

Ela – Se o deixares a demolhar durante a noite. Como as lentes de contato...

Silêncio.

Ele – Se um dia me traíesses, dirias-me?

Ela olha para ele com surpresa.

Ela – Queres dizer: se tu me traíesses, gostaria que tu me dissesses ou não?

Ele – Também, sim...

Ela – E por que me fazes essa pergunta?

Ele – Bem, é para conversar... Já que não temos televisão.

Ela pensa.

Ela – Como queres que responda a essa pergunta?

Ele – Bem... sim ou não.

Ela – Achas mesmo que é assim tão simples?

Ele – Não é?

Ela – Responder é já aceitar a possibilidade de que me possas trair.

Ele – E então?

Ela – É como se me perguntasses: se te assassinasse, preferirias que eu fosse entregar-me à polícia depois ou que tentasse escapar à justiça?

Ele parece não entender a relação entre as duas coisas.

Ela – Isto pressupõe que consideres calmamente a possibilidade de me assassinar. Esta é a verdadeira questão. A segunda é secundária.

Ele – Mas a infidelidade não é um crime. Certo?

Ela – A infidelidade é a causa de muitos crimes...

Ele pensa, um pouco preocupado.

Ele – Então, se te traísse, poderias matar-me?

Ela – Em qualquer caso, se o fizesse, certamente me entregaria à polícia depois. A justiça tem sempre sido indulgente com crimes passionais...

Silêncio.

Ela – Portanto, estás a considerar calmamente a possibilidade de me traíres.

Ele – 95% dos animais são polígamos. Os outros vivem em casais apenas durante o tempo de criar os filhotes. Isso prova que a fidelidade não é uma coisa natural...

Ela – Não somos animais.

Ele – Resta um 5% de animais monógamos. Isso não faz deles seres humanos. Por que a fidelidade teria que ser um critério de humanidade?

Ela – É a base da família, que é, por sua vez, a base da sociedade.

Ele – Então, não me traís por civismo?

Silêncio.

Ela – Custa-te assim tanto ser-me fiel?

Ele – Não... mas estava a pensar se a fidelidade tem o mesmo significado para homens e mulheres.

Ela – E na tua opinião, por que os homens são fiéis? Quando o são...

Ele pensa.

Ele – Para evitar complicações?

Silêncio.

Ele – Estou a pensar se não seria melhor comprarmos outra televisão.

4 – Quarentena

Ela está sentada no sofá. Ele chega.

Ele – De novo! Acabei de receber uma chamada de um amigo da escola que me convida para celebrar o seu quadragésimo aniversário. Incrível, não é?

Ela – Se vocês tinham 20 na mesma época, não é tão estranho que, 20 anos depois, vocês tenham cerca de 40 ao mesmo tempo.

Ele – O estranho é que não tinha notícias destas pessoas há anos... E agora o telefone não para de tocar.

Ela – Vais ir?

Ele – Estou um pouco assustado. Já passou tanto tempo. Eles podem ter mudado, não?

Ela – Queres dizer fisicamente?

Ele – Fisicamente, moralmente... Espero que não estejam muito decrepitos.

Ela (*fazendo-se de rogada*) – E eu? Tens a certeza de que não estou muito decrepita?

Ele – Contigo é diferente. Aos poucos, tive tempo de me acostumar. Mas essas pessoas, de repente... Vai ser como uma nova versão de "O Regresso dos Mortos Vivos"... É estranho, não? Essa necessidade de se reunirem na chegada dos 40 anos.

Ela – Chama-se a um aniversário, não é?

Ele – Dizem que os animais se aproximam dos homens quando sentem a morte se aproximar. Deve ser algo assim. Uma forma de instinto gregário. (*Um tempo*) O que é que vou dar a este também?

Ela – Um caixão?

Ele – Isso é caro, não é?

Ela – Estava a brincar... E tu?

Ele – Eu também.

Ela – Não, quero dizer: E tu, estás a pensar em fazer algo pelos teus 40 anos?

Ele – O que queres que faça? Conheces algum remédio para evitá-los? De qualquer forma, por favor, não me prepares uma festa surpresa. Se não vejo todas estas pessoas há 20 anos, certamente é por alguma razão.

Silêncio.

Ele – Quantos anos tens, exatamente?

Ela lança-lhe um olhar zangado, sem responder.

Ela – Teremos que convidar os vizinhos para jantar um dia.

Ele – Porquê?

Ela – Por nada!

Ele – Eles nunca nos convidaram.

Ela – Se todos pensassem assim...

Ele – Só porque somos vizinhos não significa que tenhamos que ser amigos.

Ela – Ter amigos por perto é bom, não é?

Ele – Sim, é muito conveniente... Reduz os custos de transporte. Ou seja, a poluição. Portanto, podemos dizer que é ecológico ser simpático com os vizinhos.

Silêncio.

Ele – E ele, o que faz exatamente?

Ela – Não sei. Todas as manhãs vejo-o sair de casa com uma maleta. Não sei para onde ele vai. Da próxima vez, posso perguntar, se quiseres...

Ele – E ela?

Ela – Eles são muito discretos...

Ele – Essa festa vai ser muito divertida. Se quisermos respeitar a sua discrição.

Ela – Sempre podes falar de ti.

Ele – Eles têm filhos, não têm?

Ela – Todas as manhãs vejo três deles a saírem de casa para irem para a escola. Suponho que sejam deles.

Ele – Ah, sim! Um pequeno, um médio e um grande... (*Preocupado*) Será que temos que convidá-los também?

Ela – Não! Dizemos-lhes que é uma recepção estritamente reservada para adultos...

Ele – Estavas a falar dos vizinhos do lado, não estavas?

Ela – Dos do lado! Os vizinhos em frente mudaram-se há seis meses, depois do divórcio deles. Não viste o cartaz de "Vende-se"?

Ele – Não.

Ela – Além disso, eles não tinham filhos.

Ele – Sério?

Silêncio.

Ela – Não te esqueceste que hoje é o dia da limpeza.

Ele (*suspirando*) – A limpeza é o alicerce do relacionamento... Sabias que em francês, "ménage" significa ao mesmo tempo limpeza e casamento? E um "ménage à trois", um triângulo...

Ela – Três pode ser também um casal com uma criança...

Ele – Cada um com os seus fantasmas.

Silêncio.

Ela – Então?

Ele – A sério achas que é hora de ter um filho?

Ela – Não é uma questão de dinheiro, sabes disso muito bem... Além disso, não somos tão pobres...

Ele – Vamos ficar pobres com uma lista interminável de crianças! Olha o que acontece em África com a natalidade galopante... Quanto mais crianças as pessoas têm, mais pobres são...

Ela – Não achas que é o contrário?

Ele – Se os pobres não tivessem filhos, após uma geração, a pobreza teria desaparecido... Olha os chineses! Têm apenas direito a um filho. E estão melhores assim...

Ela – Podemos começar com um...

Ele – Quando teríamos tempo para cuidar dele? Nem sequer temos tempo para fazer a limpeza.

Ela – Contratamos uma empregada.

Ele – Onde iríamos colocar o bebé?

Ela – Poderias instalar o teu escritório no porão.

Ele – Isso começa muito bem... E tu? Estás a pensar em deixar o teu emprego?

Ela – Contratamos uma ama.

Ele – Além da empregada? Não é mais um triângulo, é uma pequena empresa! Não tenho a certeza de ter espírito empresarial...

Silêncio.

Ele – Já não poderíamos sair à noite...

Ela – Contratamos uma babysitter.

Ele – Nunca tinha percebido o quanto a natalidade tinha um efeito tão direto no emprego.

Ela – E no consumo...

Ele – Fraldas, leite em pó, brinquedos, cuidados médicos...

Ela – Carro novo...

Ele – Tens razão. Este bebé é capaz de tirar o país da crise...

5 – Definição do Amor (Pelo que não é)

Ele (*para uma interlocutora imaginária*) – Há quanto tempo nos conhecemos? Pelo menos vinte anos, não é? (*Silêncio*) Por que é que nunca fizemos sexo juntos? Gostamos um do outro, não é verdade? Até poderíamos ter casado. É estranho, vejo-te um pouco como uma ex-namorada. Mesmo que nunca tenhamos saído juntos... Quase, uma vez. Lembras-te? Tentaste me embriagar. Ou talvez tenha sido o contrário, não sei. Acabámos em tua casa completamente bêbedos. Rimos a noite toda, mas esquecemos de fazer sexo. Talvez tenha sido por isso. Porque nos damos tão bem. Faltaria um pouco de tempero. Aborrecer-nos-íamos, no final. Na verdade, rimos muito quando estamos juntos, mas... Não consigo imaginar fazer sexo com uma rapariga que ri. Bem, há rir... e rir. Posso fazer uma rapariga rir para fazer sexo com ela. Mas fazer sexo com uma rapariga que me faz rir... Não, se me deitasse contigo, teria a sensação de estar a deitar-me com um amigo. Uma amiga, se preferires. Além disso, não gosto de loiras. Sim, eu sei. Não és loira. Mas eras quando te conheci... Não sabia que não era a tua cor natural! Não é que não goste de loiras, mas... Depende. Será a cor. Eras demasiado loira. Raparigas muito loiras, não sei, dão-me nojo, um pouco. Fisicamente. Não sei porquê... Deve ter algo a ver com a pele. E agora já é tarde. Sempre te vou imaginar na pele de uma loira que pintou o cabelo de moreno. Além disso, não és exatamente morena, não é? Castanha também não. Como posso dizer? Não é nem loira, nem morena. Não é que não goste de ti, entendes? Além disso, agradas a todos os rapazes. Normalmente, isso é mais incitante... Mas, neste caso, não. Não, simplesmente não consigo dizer exatamente por que nunca tive vontade de me deitar contigo... Deve ser isto, o amor... Quero dizer, o "não sei quê" que faz com que duas pessoas queiram fazer sexo juntas, ou até mais, se ambos concordarem. Olha! Conseguimos definir o que é o amor! Bem, pelo menos o que não é... Agora, por que razão é que casei com a minha mulher e não contigo, ou com outra pessoa? Quem sabe. Bem, para começar, ela gostava de mim. Era mais fácil. Se não tivesse gostado de mim, teria eu insistido? E se tivesse insistido, isso teria agradado a ela? Quem sabe? O amor partilhado é mais simples, mas é menos... Como dizer? Ao vencer sem perigo, temos a vitória humilde. No entanto, não sei o que ela gostava em mim. Tens alguma ideia? Claro que podia perguntar-lhe, mas... Se ela me fizesse a mesma pergunta... Há tópicos que é melhor não tocar. Algo de mistério num casal não é nada mau. Não exageradamente também. Durante um tempo, saí com uma rapariga. Depois de um ano, ela deixou-me pendurado. Perguntei-lhe porquê. Ela respondeu que se aborrecia na cama comigo. Imagina! Um ano! É muita discricção, não é? Agora, por que é que saiu comigo durante um ano? Nem sequer me ocorreu perguntar-lhe... Alguma coisa tinha de gostar em mim, não é verdade? A menos que me tenha mentido. Quanto às minhas habilidades sexuais, quero dizer... Para se vingar... Não digo isto porque me tenha atingido no meu orgulho de homem, certo? Fiquei só um pouco surpreendido. Honestamente, tenho mais a reputação de ser um bom amante. E tu? Quero dizer, e tu, realmente não queres me dizer por que nunca tiveste vontade de sair comigo? (*Preocupado*) Não tens de responder. Certo?

6 – Reencontro

Ela chega, com um grande sorriso.

Ela (*alegre*) – Conheces-me?

Ele (*voltando-se para ela*) – Não.

Ela (*cúmplice*) – Foi há anos, mas...

Ele – Ah, sim, talvez...

Ela (*um pouco ofendida*) – Talvez?

Ele – Sim, sim, já me lembro, sim... Como tens estado?

Ela – Bem. O que fazes aqui?

Ele – Bem, nada. E tu?

Ela (*preocupada*) – Mudei assim tanto?

Ele – Não! Não! Porquê?

Ela – Há pouco não me reconheceste.

Ele – Desculpa, não estava à espera de te encontrar novamente aqui.

Ela – Tu não mudaste, pois não?

Ele – Obrigado...

Ela – E então? O que tens feito?

Ele – Bem... Continua igual.

Ela – Sempre tão comunicativo, certo?

Ele fica sem saber o que dizer.

Ela – Voltaste há muito tempo?

Ele – De onde?

Ela – De lá!

Ele – Ah, sim... Não.

Sorriem estupidamente, confusos.

Ela (*emocionada*) – Fiquei tão feliz por te reencontrar.

Ele – Eu também...

Ela – Tenho que ir... Alguém está à minha espera...

Depois de uma pausa.

Ela – Um abraço?

Ele – Claro...

Pegando-o de surpresa, ela dá-lhe um beijo intenso nos lábios.

Ela (*patética*) – Até outro dia, talvez.

Ele (*confuso*) – Talvez, sim...

Ela – Bem, então... Adeus, Paulo!

Ela solta-se dele, quase a chorar.

Ele – Sim... Adeus.

Ela parte. Eles acenam-se à distância para se despedirem. Ele fica sozinho.

Ele (*desconcertado*) – Paulo?

7 – Carpaccio ou Bacon?

Um casal admirando uma parede invisível, olhando para algo que não pode ser visto.

Ele – Panini, não?

Ela – Deixa ver...

Ela se aproxima e, olhando para o quadro, lê o nome do pintor inscrito abaixo da pintura.

Ela – Carpaccio.

Ele – Mesmo?

Admira o quadro por um tempo antes de passar para outro.

Ela (brincalhona) – Vai tentar adivinhar?

Ele – Claro...

Ele olha atentamente para o quadro.

Ele – Picasso?

Ela olha para ele como se dissesse que não é isso.

Ele – Pissaro?

Ela – Pissaro... Picabia!

Ele – Claro! Sempre me confundo.

Passam para outro quadro.

Ele – Agora é a tua vez, certo?

Ela olha para o quadro com grande concentração.

Ela – Manet...?

Ele olha para o nome abaixo da pintura para verificar.

Ele – Monet!

Ela – Bem... Não é muito diferente, certo?

Passam para outro quadro.

Ela – Olha! Tem algo de Bacon...

Ele olha, surpreso. Depois, ambos olham o quadro.

Ela – Está muito bom, certo?

Ele – Sim, é...

Silêncio.

Ela (*pensativa*) – Às vezes, fico a pensar...

Ele – O quê?

Ela – Se não soubesse que é Bacon, talvez achasse isso nojento...

Ele a olha perplexo.

Ela – O mesmo vale para todas essas obras. Se não soubéssemos que valem milhões! A sério, imagina que nunca ouviste falar da Mona Lisa. Encontras a pintura num mercado de pulgas e está à venda por algumas centenas de euros. Podes afirmar, com certeza, que a pendurarias sobre a tua lareira? Essa mulher com um sorriso tolo...

Ele pondera.

Ele – De qualquer forma... não temos lareira...

Ela – É verdade, tens razão, visitamos dezenas de museus, centenas de exposições, e nem sequer somos capazes de perceber a diferença entre uma obra-prima e uma porcaria...

Ele – Como podemos descobrir? Nos museus, só vemos obras-primas. É uma pena. Em cada museu, deviam dedicar uma sala exclusivamente às porcarias. O princípio de um teste às cegas, percebes? Para descobrir se as outras pinturas são realmente belas ou se parecem assim porque nos disseram que são.

Ela – Além disso, os museus são como igrejas, não é? Vamos lá mais pelo ambiente.

Ele – Felizmente, não é preciso acreditar para praticar... Assim como no amor...

Ela olha para ele sem entender.

Ele – Quero dizer, assim como no casamento... Olha... Casamos na igreja... E no entanto, não acreditamos realmente em Deus...

Silêncio.

Ela – Lembras-te da nossa lua de mel em Paris? Levaste-me ao Museu Picasso...

Ele (*nostálgico*) – Sim...

Ela – Estávamos tão entusiasmados... E só a meio do passeio é que percebemos que não era o Museu Picasso, mas sim o Museu Carnavalet...

Ele – Sim... Os dois ficam no mesmo bairro. E, na verdade, por fora, são muito parecidos...

Ela (*sorrindo*) – Estava a começar a questionar por que é que os preliminares demoravam tanto...

Ele – Preliminares...?

Ela – Quero dizer, Picasso... O seu período inicial...

Ele – Ah, sim...

Silêncio. Começam a ir embora.

Ela – Já ouviste falar naquele artista que pinta fundos do mar?

Ele não percebe muito bem.

Ela – Ele veste-se de mergulhador, coloca o cavalete no fundo do mar e pinta corais.

Ele – Não... Não conheço esse. E como está ele?

Ela – Bem...

8 – Desaparecimento

Um casal sentado no sofá. Não dizem nada e parecem estar entediados. Ele começa a procurar algo, sem sucesso.

Ele – Já viste o comando da televisão? Desapareceu...

Ela olha para ele surpresa.

Ela – Mas... já não temos televisão!

Ele – Ah, sim, claro...

Silêncio.

Ele – O que farias se, algum dia, eu desaparecesse?

Ela olha para ele novamente, perplexa.

Ela – Queres dizer... como o comando da televisão?

Ele – Se desaparecesse! Definitivamente...

Ela – Não estás te sentindo bem?

Ele – Sim, sim, estou a sentir-me bem. É apenas uma hipótese.

Ela – Não tens uma hipótese mais divertida?

Ele – Sou mais velho do que tu... Logicamente, irei embora primeiro.

Ela – Só temos três anos de diferença...

Ele – As mulheres vivem mais do que os homens! Além disso, posso ter um acidente. Um ataque cardíaco. Um cancro.

Ela – Eu também!

Ele – Sim, mas eu fiz a pergunta primeiro.

Ela – Bem... não sei. Veremos. Tenho tempo para pensar nisso, certo?

Ele – Mais vale prevenir do que remediar...

Ela olha para ele perplexa.

Ele – Seja o que for, mais vale que saibas. Prefiro ser cremado.

Ela – Por que é que me estás a dizer isto agora?

Ele – Bem... não te vou dizer depois, certo? (*Um tempo*) Esta é a minha obsessão. Ser enterrado vivo. E tu?

Ela – Não deve acontecer com muita frequência.

Ele – Basta que aconteça uma vez, certo?

Ela – E ser queimado vivo não te assusta?

Ela olha para ela com preocupação.

Ele – Nunca tinha pensado nisso... (*Um tempo*) Achas que há vida após a morte?

Ela – Não sei se é realmente algo desejável...

Ele – Não terias de te preocupar com dinheiro, isso é certo...

Ela – Caso haja vida após a morte?

Ele – Se eu desaparecesse!

Ela – Ah, sim... Não estava preocupada.

Silêncio.

Ele – Se quiseses voltar a casar, compreenderei perfeitamente...

Ela – Obrigada.

Ele – Bem, portanto, também não é uma obrigação casares com ele...

Ela – Ele?

Ele – Aquele tipo! Com quem viverias se eu desaparecesse. É melhor conservares a tua independência.

Ela – A minha independência?

Ele – É estranho... Não consigo imaginar-te a viver com outra pessoa...

Ela (*ofendida*) – Achas que ninguém me quereria?

Ele – Sim, sim. É por isso. Na verdade... acho que teria ciúmes.

Ela – Terias ciúmes quando morresses?

Ele – Sim...

Ela – E se eu desaparecesse antes?

Ele (*de má fé*) – Nunca tinha pensado nisso. (*Um tempo*) Se me casasse novamente, ficas zangada?

Ela – Não estaria aqui para ver.

Ele – Sim, mas... terias ciúmes...?

Ela olha para ele, suspeita, mas não responde.

Ele – Com quem me imaginarias?

Ela – Queres que te apresente uma amiga minha, só por precaução? É isso?

Ele – Bem, não é assim tão fácil, vê lá.

Silêncio.

Ele – O bom da bigamia é que, em caso de morte, só se é viúvo a meio.

Ela olha para ele, atordoada.

Ela – Sim...

9 – O Mundo do Desporto

Ela lê uma revista feminina. Ele fica entediado e, depois de um momento, abre um jornal desportivo. Ela nota, surpresa.

Ela – Estás a comprar agora a imprensa desportiva?

Ele – E por que não compraria a imprensa desportiva?

Ela – E... planeias lê-la?

Ele – Vou dar uma olhada... Para ver...

Ela – Ver o quê?

Ele – Não sei. Todos os gajos lêem isso no metro. Queria saber o que é tão fascinante nisso.

Ela – E encontraste?

Ele – Não...

Ela parece desconcertada.

Ela – Interessas-te por desporto?

Ele – Muito pouco...

Ela – Bem, não é estranho que não te interesse ler a imprensa desportiva...

Ele fecha o seu jornal.

Ele – Bem... Interessar-se pelo desporto é uma coisa. Daí a sentir um desejo imperioso todas as manhãs de saber se o Barcelona ganhou ao Bratislava 3-2 ou se foi um empate... Eu nem sequer sei onde fica Bratislava...

Ela – Não é a capital da Eslováquia...?

Ele – Como é que sabes isso?

Ela – Ou da Eslovénia...

Ele – Eslovénia? Estás certo de que têm uma equipa de futebol? Não é demasiado pequeno?

Ela – Bem, também não é o Vaticano.

Ele – O Vaticano tem uma equipa de futebol?

Ela faz um gesto para dizer que não sabe. Ele volta a ler o seu jornal desportivo.

Ela – E por que é que estás tão preocupado, de repente, em saber por que os homens lêem a imprensa desportiva?

Ele – Talvez precise de verificar a minha virilidade...

Ela – Bem, quase!

Ele – Muito obrigado...

Ela (*para o tranquilizar*) – Vamos lá. Pode-se ser homem sem ler um jornal desportivo.

Ele – Achas?

Ela pensa nisso.

Ela – Não sei... Queres que te subscreva uma revista de carros?

Ele olha para ela, questionando se ela está a gozar com ele ou não. Ela volta a ler a sua revista feminina.

Ele – E tu?

Ela – Eu o quê?

Ele (*referindo-se à revista*) – O que é que achas tão interessante nessas tolices?

Ela olha para ele.

Ela – Tu também as lêes...

Ele – Bem... Só para brincar.

Ela – Bem, eu não leio a imprensa desportiva. Nem a brincar...

Ele (*perturbado*) – Achas que estou afeminado, é isso?

Ela – De modo nenhum, claro! Além disso, todos os homens lêem revistas femininas das suas mulheres. É bem sabido. Por que achas que há tantos anúncios de carros nessas revistas?

Ele (*a pensar*) – É verdade que não há muita publicidade de máquinas de lavar nos jornais desportivos.

Ela – Apesar do futebol sujar muito... Basta ver o número de jogadores de futebol que aparecem nos anúncios de detergentes.

Ela tenta voltar a ler a sua revista, mas nota que ele ainda está preocupado.

Ela – Ainda há alguma coisa que te preocupe?

Ele – Não... Só estava a pensar na diferença entre homens e mulheres...

Ela – Sim...

Ele – Olha para a roupa, por exemplo... As calças já não são exclusivas dos homens, enquanto as saias ainda são reservadas para as mulheres.

Ela olha para ele incrédula.

Ele – E as cores também. Vocês podem vestir cinzento ou rosa. Nós só temos direito ao cinzento. Ou castanho... Queixam-se de que não gostamos de fazer compras... Mas percebem a tristeza de uma loja de sapatos masculinos?

Ela (*preocupada*) – Gostariam de usar uma mini-saia com saltos altos?

Ele – Não! É apenas uma constatação! Tivemos de partilhar o nosso melhor atributo masculino e o que recebemos em troca? (*Abre com raiva o seu jornal desportivo*) Pelo menos temos a imprensa desportiva!

10 – Para Onde Vamos Depois de Morrer?

Ela e ele estão sentados no sofá.

Ele – Já passou o carteiro?

Ela – Estás à espera de algo?

Ele – Nada em particular... mas sempre espero um milagre ao abrir a caixa de correio. Dir-me-ão que ganhei um concurso em que não participei. Que uma velha tia muito rica, que não sabia que tinha, morreu sem herdeiro. Que o Nobel me foi atribuído antecipadamente para premiar a minha obra futura... Todos os dias, ao abrir a caixa de correio, sinto-me como uma criança diante da árvore de Natal.

Ela – Sim... à medida que envelhecemos, já não acreditamos no Pai Natal, mas continuamos a acreditar no carteiro. Além disso, há semelhanças... Ambos usam uniforme. Têm uma mochila. Trazem surpresas para abrir e ninguém os vê...

Ele – Bem, ao carteiro, precisamente, vemos por altura do Natal. Quando ele vem buscar o seu presente de Ano Novo... (*Suspiro*) Odeio o Natal. A cada ano, há menos cartas de Natal na caixa de correio e mais anúncios de óbito. Mas por que espero pelo carteiro como se fosse o Messias...? Bem, o pai do Messias era provavelmente carteiro, não é verdade? Porque essa história da Imaculada Conceição... A menos que acreditemos também no Pai Natal...

Ela – Para receber cartas, tens de escrever algumas. A maioria das pessoas só recebe respostas. Se não enviases nada, claro que não receberás nada... Acho que nunca recebi uma carta tua...

Ele (*irónico*) – Queres que nos escrevamos de vez em quando?

Ela olha para ele, irritada.

Ele – O que poderíamos dizer um ao outro? Seria como escrever a mim mesmo, não é? De qualquer forma, quando escrevemos, é sempre mais ou menos para nós mesmos. Há pessoas a quem escreves cartas intermináveis... Quando as vês, apercebes-te de que não tens nada para lhes dizer. É muito onanista escrever...

Ela serve-se de um copo e acende um cigarro.

Ele – Estás a fumar agora?

Ela (*surpreendida*) – Sim... há cerca de vinte anos. Nunca tinhas reparado?

Um tempo.

Ele – Sabias que cada cigarro encurta a vida em cerca de dez minutos? (*Ela não responde*) Quantos cigarros fumas por dia?

Ela (*irónica*) – Pela minha estimativa, já deveria ter morrido há uns seis meses. Estranho, não é?

Ele – O mesmo acontece com o telemóvel, certo? Não é bom para a saúde. Dizem que além de um quarto de hora por dia, podes ter a certeza de contrair um tumor no cérebro. É melhor não ter uma tarifa ilimitada... (*Um tempo*) Já agora, sabias o que a tua filha me perguntou esta manhã enquanto estava a escovar os dentes?

Ela – Não.

Ele – Onde se vai depois de morrer?

Ela – E o que lhe disseste?

Ele – O que achas que lhe disse?

Ela – Não sei.

Ele – Isso mesmo. Disse-lhe que não sei.

Ela – E depois?

Ele – Ela disse: "Mas papá, quando alguém morre, vai para o cemitério!"

Ela – E?

Ele – Depois voltou a comer os seus cereais. Parecia muito contente por me ter ensinado algo. E um pouco surpreendida por, com a minha idade, ainda não saber disso... Incrível, não?

Ela – Que te tenha feito essa pergunta?

Ele – A capacidade das crianças de aceitar explicações simples para perguntas simples. Um professor de Filosofia teria falado de metafísica, de transcendência, toda aquela conversa... Deus, na pior das hipóteses. As crianças são muito mais pragmáticas. Além disso, são naturalmente ateias.

Ela – Acreditam no Pai Natal.

Ele – Bem... porque os pais lhes dizem que ele lhes trará presentes. Se não, nunca lhes teria ocorrido inventá-lo. Se te dissessem que um benfeitor anónimo te daria um bónus anual no Natal, não terias pressa em questionar a sua existência. Mas Deus nunca nos trouxe nada no Natal e, no entanto, algumas pessoas ainda acreditam que ele existe... Tu acreditas que ele existe?

Ela – O Pai Natal?

Silêncio.

Ele – O incrível também é que não tenha medo da perspectiva de ser enterrada. Temos medo disso, não é verdade? Por que não tem medo? Vou ter de lhe perguntar esta noite o que ela entende exatamente por "quando alguém morre, vai para o cemitério"... (*Um tempo*) O que tu achas?

Ela olha para ele, confusa.

Ele – Quero dizer: o que achas que ela entende com isso?

Ela – Bem... isto.

Ele – Como isto?

Ela – Quando alguém morre, vai para o cemitério.

Ele olha para ela surpreendido.

Ele – Espera. Não me digas que para ti também é tão simples!

Ela – Bem... de certa forma, sim.

Ele olha para ela com um sorriso condescendente.

Ela – Há pouco tempo, achavas maravilhoso não complicar as coisas. Estar contente com explicações simples para questões complicadas.

Ele – Sim, mas... não tens cinco anos!

Ela – Vamos lá. Pergunto-te: para onde se vai depois de morrer?

Ele parece apanhado de surpresa.

Ele – Bem... não é tão simples como parece, certo?

Ela – Estou a ouvir...

Ele – Não sei, é... a questão do sujeito...

Ela – A questão do sujeito...? Melhor dizias o sujeito da questão...

Ele parece desamparado.

Ele (*a pensar*) – Para onde se vai depois de morrer? Não se vai para lado nenhum.

Ela – Pois é...

Ele – Bem, se quiseres.

Ela – Mesmo que não queira...

Ele – Não, mas... vai-se para o cemitério... não significa nada! Também podes ir para o cemitério estando vivo. Dás um passeio, voltas para fora e vais ao bar beber um copo. O que significa ir para o cemitério? Além disso, podes muito bem morrer e não ir para o cemitério. Se não encontrarem o cadáver! Nesse caso, não podes dizer: "quando alguém morre, vai para o cemitério." Vês que não é tão simples como parece!

Ela – Está bem... e se a tua filha te fizer a mesma pergunta novamente, o que vais dizer?

Ele – Bem... não sei... direi... quando alguém morre, vai para o cemitério... geralmente. Se encontrarem o cadáver... Os vivos também podem ir para o cemitério, mas... quando alguém morreu, é definitivo.

Ela (*consternada*) – Pois...

11 – A Estação das Chuvas

Ele está aqui, não muito desperto. Ela chega, cheia de energia.

Ela (*olhando para a sala*) – Viste? Eles voltaram!

Ele – Quem?

Ela – Os espectadores!

Ele a olha cansado.

Ele – Sim...

Ela – Hoje estou cheia de energia! Dormi muito bem esta noite.

Ele – Fico feliz...

Ela – Há dias assim... Acordei com o pé direito.

Ele – Hmm...

Ela – Estou com tanta fome! E tu?

Ele – Não...

Ela – Sinto como se tivesse tomado anfetaminas. Deve ser a primavera. Tu não te sentes assim?

Ele – Eu não sei... Nunca tomei anfetaminas...

Ela – Um raio de sol e puf! Vejo a vida cor-de-rosa.

Ele – Tens sorte.

Ela – Deveria ter nascido em um lugar onde o tempo seja bom o ano todo.

Ele – Isso existe?

Ela – Nos trópicos.

Ele – Há uma temporada de chuvas.

Ela – Ah, sim!

Ele – Dura seis meses.

Ela – Tanto tempo!

Ele (*apontando para os espectadores*) – Por que achas que todo mundo vai para a Costa Brava em agosto? Nos trópicos, o tempo é bom no inverno. No verão, faz mau tempo.

Ela – Pelo menos, faz bom tempo metade do ano, e sabes quando. É mais organizado do que aqui. Lá, não te perguntas todas as manhãs se deves levar o guarda-chuva ou não. E quando o levas, sabes que é por seis meses.

Ele – Na Antártida é a mesma coisa. O ano é dividido em dois. É dia no verão e noite no inverno.

Ela – Sempre tens a opção de hibernar, como os ursos polares.

Ele – Sim... Mas agora, com o degelo... Vais dormir no final de outubro e acordar em 1º de abril flutuando em um iceberg perto das Ilhas Canárias...

Ela suspira.

Ela – E um país onde haja 365 dias de verão, com o inverno distribuído nas 365 noites, não existe? Não importa se o tempo está bom à noite. Estamos dormindo.

Ele – Não existe.

Ela – Deveria ter nascido em outro planeta.

Ele – Às vezes, me pergunto se não é o caso...

Um momento. Eles olham para o horizonte.

Ela – Parece que está ficando nublado, não?

Ele – Achas...?

Ela – Olhe aquelas nuvens grandes lá. O vento as está trazendo para cá.

Ele – Vivemos em um clima temperado... Em termos meteorológicos, isso significa que o pior sempre é possível. E até provável em curto prazo.

Ela – O clima... Já ouviu falar? Eles não falam mais em graus Celsius ou Fahrenheit, mas em temperatura sentida... Sentida por quem? Pelos que sentem frio como eu ou pelos que nunca sentem frio? Pelos que esqueceram de vestir um suéter ou pelos que estão usando roupa térmica...? Gostaria de saber qual termômetro mede isso, a temperatura sentida...

Ele – É como o humor dos portugueses... Dizem que perdemos dois pontos esta semana.

Ela – Isso me deprime.

Ele – Lá vem a chuva.

Ela – Prefiro não ver... Vou ligar para minha mãe para saber se o tempo está bom em Londres.

12 – Talho

Ele, sentado no sofá, olha fixamente para o vazio. Ela chega e percebe.

Ela (*desconcertada*) – Por que estás a olhar assim?

Ele – Bem... estou a ver televisão.

Ela – Mas já não temos televisão!

Ele – Sim, eu sei, mas... é como se me tivessem amputado as pernas e eu continuasse a sentir formigueiro nos pés...

Ela senta-se ao lado dele.

Ela (*consternada*) – Recebi hoje uma chamada para ti no telemóvel...

Ele – Ah, sim, desculpa! Esqueci-me de te avisar. Deixei o número do teu telemóvel na minha caixa de correio de voz, para que possam contactar-me durante as férias...

Ela – Férias? Mas nós só partimos na próxima semana!

Ele – Bem... assim eles já têm o número.

Ela (*consternada*) – O número do meu telemóvel? E durante toda a semana, vou receber chamadas para ti...?

Ele – E depois...? Dizes-lhes para me ligarem de novo...

Ela – Não achas que seria mais simples comprares um para ti?

Ele – Um telemóvel? Bem... quando saio de casa, é para estar tranquilo. Não quero ser incomodado...

Ela – Claro! Se sou eu quem recebe as tuas chamadas profissionais... Estava no meio de uma reunião pedagógica quando me ligaram a perguntar sobre o teu artigo: "Proibir ou não o uso de tanga na escola?" Não achas que isso me incomoda?

Ele – Não desligaste o telemóvel durante a reunião?

Ela (*irónica*) – Desculpa, esqueci-me... Um telemóvel é algo muito pessoal. Não se pode emprestar. Mesmo entre marido e mulher. Não sei... É como uma escova de dentes!

Ele – Uma escova de dentes? Bem, se quiseres usar a minha escova de dentes nas férias, não há problema...

Ela – Ou um computador, se preferires! Deixarias que eu usasse o teu computador se eu não tivesse um?

Ele prefere não responder.

Ela – E depois das férias?

Ele finge não entender a pergunta.

Ela – Vou continuar a receber chamadas para ti? Sorte que não tens nada a esconder...

Ele – Depois das férias, digo-lhes que perdi esse maldito telemóvel. Ou que me roubaram. Isso acontece com frequência...

Ela – Ótimo! E se me ligarem mesmo assim, vão pensar que sou uma ladra... Lembras-te de que este é o meu telemóvel?

Ele – Bem, então deixa-me usá-lo e compras um novo para ti... Problema resolvido...

Ela – E as pessoas que querem ligar-me a mim, o que fazem?

Ele – Dou-lhes o número do teu novo telemóvel, e está feito!

Ela – Claro, é muito mais fácil do que comprares diretamente um telemóvel para ti. (*Suspeitosa*) Não será para evitar-te esse incómodo que estás a tentar tomar conta do meu?

Estão prestes a discutir. Percebem e fazem um esforço para se acalmarem. Silêncio.

Ele – Sabias como o talhante me chamou hoje de manhã?

Ela aparentemente não faz ideia.

Ele – "O menino"... (*Imitando o talhante*) "E o que deseja o menino?" É a primeira vez que ele me chama assim...

Ela – Mmmm... É o equivalente masculino de "E o que vou servir à menina?"

Ele – Dá arrepios, não? O talhante pode ver-nos como "o menino e a menina". Ainda bem que não fazemos compras juntos. Imagina se nos chamassem "o casal". (*Imitando novamente o talhante*) "E o casal, o que deseja?" Tornava-me vegetariano imediatamente. (*Por um tempo*) A carne sempre me repugnou, de qualquer forma. E a ti? (*Ela, que voltou ao seu livro, não responde*) Talvez frango... Realmente, é horrível, uma talharia, se pensares bem. Aquela carne sangrenta exposta por todo o lado. Aquelas peças penduradas na câmara frigorífica. Todas essas vacas inocentes que prendem no campo atrás de arame farpado, ou mesmo eletrificado. Antes de as levarem para o matadouro e as desmembrarem... Que horror! Pelo menos, os animais não sabem o que os espera. Quando vejo aqueles talhantes, com os seus grandes aventais brancos na cabeça, como os do Ku Klux Klan, a retirar os cadáveres das vítimas do camião...

Ela continua sem reação, a ler o livro. Ele vira-se para ela.

Ele – Sabias que os sikh eram estritamente vegetarianos?

Ela finalmente levanta os olhos do livro.

Ela – Já agora, não precisas de ir à loja de ferragens para a lâmpada do banheiro. Fui lá esta tarde. (*Por um tempo*) Encontrei a vizinha. Estava a comprar uma mala...

Ele olha para ela sem entender. O telemóvel dela toca.

Ela – Sim...?

Ela muda de expressão.

Ela (*com afabilidade afetada*) – Não, sou a secretária dele, mas não desligue, ponho-o em contacto com ele imediatamente. Com quem tenho o prazer de falar...? (*Ela entrega-lhe o seu telemóvel, furiosa*) É para ti. A tua mãe...

Ele pega no telemóvel como se nada fosse.

Ele – Fala...

Mas ele não sabe como usar o aparelho.

13 – Um Par de Velhos

Ela está no jardim, despedindo-se de sua filha, que não está à vista. Ele está um pouco atrás, observando a cena de despedida com um sorriso nos lábios.

Ela – Vai, divirtam-se. Mas não façam besteiras. E não a tragas muito tarde, certo? Confio em ti.

A filha sai, e o casal retorna ao centro do palco, trocando um sorriso cheio de insinuações, ao mesmo tempo divertido e comovente.

Ela – A primeira saída dela com um rapaz...

Ele – Isso nos faz sentir mais velhos.

Ela – Sim...

Um momento.

Ele – Como ele se chama de novo?

Ela – Francisco.

Um momento.

Ela – É estranho, não é?

Ele – O quê?

Ela – O fato de ele se chamar Adolfo Augusto.

Ele – Eu me chamo Juan Sebastián.

Ela – Exato! É um nome de velho...

Ele – Talvez ele seja um velho pervertido disfarçado de adolescente com acne. Como aqueles que vemos na televisão nos comerciais sobre os perigos da internet. Neste momento, ele provavelmente está tirando a máscara.

Ela (*voltando-se*) – Não brinques com isso...

Ele – Ou talvez os pais dele sejam de extrema direita. Por isso o nomearam Adolfo Augusto. Adolfo, como Hitler. Augusto, como Pinochet.

Ela – Teus pais te chamaram de Juan Sebastián, e não tocavam piano.

Ele faz um gesto para consolá-la.

Ele – Vamos lá, terás que te acostumar. Isso é apenas o começo. Em um ou dois anos, ficaremos sozinhos em casa, como um par de velhos.

Ela – Obrigada. Era exatamente o que eu precisava para animar.

Ele (*brincalhão*) – Preparei uma surpresa para te ajudar a superar este momento difícil.

Ela – Estás me convidando para jantar?

Ele – Algo melhor.

Ele tira um baseado do bolso e mostra a ela.

Ela (*tentada, mas indecisa*) – Não... Achas? Faz pelo menos quinze anos que não fumo, nem um cigarro. Da última vez que tentei fumar um Marlboro Light, pensei que ia morrer de overdose...

Ele – Isso nos lembrará da nossa juventude. E lembra-te de que fumamos o nosso primeiro baseado juntos. Estaríamos casados hoje se não estivéssemos completamente chapados quando nos conhecemos?

Ela – Provavelmente não...

Ele acende o baseado, traga avidamente e passa para ela.

Ele – Uau... Isso é bom...

Ela também traga no baseado e parece estar nas nuvens. Mas de repente, seu sorriso de felicidade desaparece.

Ela – E se ele oferecer drogas para ela...?

Ele – Com o nome Adolfo Augusto...

Ela – Teu nome é Juan Sebastián, e foi tu quem me fez fumar meu primeiro baseado.

Ele – Talvez isso termine em casamento... Vamos lá, relaxe um pouco...

Ela – Estás certo... De qualquer forma, não podemos fazer nada... Teremos que viver com isso...

Ele – Quer dizer, viver sem ela?

O telefone toca. Ela dá mais uma tragada no baseado, passa para o marido e atende com desânimo, enquanto ele também dá mais uma tragada.

Ela (*confusa*) – Sim... (*Recuperando-se de repente*) Sim, querido, o que aconteceu? Oh, me assustaste! Pensei que tinham tido um acidente... Sim, entendi. Mas bem, é menos grave do que um acidente de carro. Podes sempre ir ao cinema sozinha, não podes?"Isso vai te distrair... Não sei, não quer perguntar a uma amiga se ela te acompanha...? Sim, claro, veM. Conversaremos sobre isso. Certo, estamos esperando...

Ela desliga.

Ele – O que aconteceu?

Ela – Ela foi deixada por Adolfo Augusto...

Ele – Esse gajo nunca me agradou... Estava certa. Adolfo Augusto é realmente um nome bobo...

Ela – Claro, ela está arrasada... Seu primeiro coração partido...

Ele – Bem, não é tão grave... Não será o último... (*Ele oferece o baseado*) Vamos, fuma isso. É muito bom...

Ela (*ignorando o baseado*) – Ela está chegando... Sou a mãe dela... Terei que consolá-la... Oh, droga, estou me sentindo tonta... Estou com náusea... Por que me fizeste fumar essa porcaria...?

Ele parece completamente chapado e sorri como um bobo.

Ele – Isso está me fazendo muito bem. Não tens ideia...

Ela – Ai, meu Deus... E agora a casa toda cheira a maconha...

Ela tenta dispersar a fumaça com uma revista. A campainha toca novamente.

Ela – Oh, não... É ela!

Ele – Maldição... Não poderia esperar até depois do filme para terminar com ela? Pensei que finalmente teríamos uma noite tranquila, pelo menos...

Ela – Bem, não será em breve...

Eles tocam a campainha novamente.

Ela – Abra as janelas para arejar um pouco. Vou tentar atrasá-la no corredor por um tempo... (*Eles tocam a campainha novamente.*) Sim, sim, estou indo, querida... (*Ela se vira uma última vez para ele, que ainda tem o baseado na boca.*) E apague essa porcaria, pelo amor de Deus!

14 – Pesadelo

Ele entra com uma peruca loira e uma bola de futebol. Ela chega depois, por trás, com um casaco de homem e um bigode à Hitler ou Chaplin.

Ela – Guten Tag...!

Ele fica assustado quando a vê.

Ele – Mas... quem é você?

Ela – Sou a babysitter.

Ele parece aterrorizado. Ela tira um maço de cigarros.

Ela (*estendendo o maço para ele*) – Quer fumar?

Ele está prestes a pegar o cigarro que ela oferece, mas desiste prudentemente.

Ele – Não, obrigado.

Ela – Natürlich. É proibido fumar... Há um cinzeiro, mas não significa nada. É só para que os transgressores não queimem o tapete... Sempre a mesma coisa. Fazem leis, mas também prevêm algo no caso de não serem respeitadas... (*Tira um pacote de pastilhas elásticas*) Quer uma pastilha?

Ele – Isso incha um pouco...

Ela – Sabes por que é que os grilos do metro estão em vias de extinção?

Ele – Há grilos no metro?

Ela – Ou cigarras, não sei. É porque esses bichos comem beatas. Agora que é proibido fumar no metro, estão a morrer de fome. Percebes? É todo um ecossistema que foi perturbado... Podiam começar a comer pastilhas elásticas. Mas os grilos, claro, não são tão adaptáveis como os humanos.

Ele – Há pouco tempo, vi uma exposição sobre a vida animal no meio urbano. Não se sabe muito, mas há uma fauna incrível nas grandes cidades. Dizem que até há lobos. Mas centenas...

Ela – Lobos?

Ele – Não, mas só saem à noite. Nos parques, claro.....

Ela – Você quer dizer raposas... ?

Ele – Ah sim talvez... Seja como for, eu nunca vi um...

Ela – Talvez porque os parques estão fechados à noite...

Barulho de uma porta a fechar. Ele parece preocupado.

Ela – A empregada fechou a porta ao sair... e levou a chave.

Ele – Não há janelas... Nem sequer podemos pedir socorro...

Ela – Não tens um telemóvel?

Procura ansiosamente nos bolsos. O rosto dela ilumina-se ao encontrar algo.

Ele – Sim! (*Para de sorrir ao perceber que não é um telemóvel*) Oh, não! É o comando de TV que andei a procurar por toda parte...

Ela – Mas não há TV...

Ele – Bem... O carteiro vai libertar-nos amanhã de manhã ao trazer o correio...

Ela – Amanhã é Natal...

Ele – Ah, sim, é verdade... Que pesadelo...

Ela – Quer alongar-se um pouco?

Ele olha para ela assustado. Ela tira um lençol branco.

Ela – Se vamos celebrar o Natal juntos, é melhor instalarmo-nos confortavelmente, não acha? Qual lado prefere?

Ele (*resignado*) – Tanto faz...

Ela – Perfeito...

Ela deita-se debaixo do lençol. Ele faz o mesmo.

Ela – Então... Feliz Natal!

Ele – Sim...

Eles desaparecem debaixo do lençol. A luz apaga-se. Depois de um momento, ele grita, acordando assustado, enquanto a luz volta. Ela acorda também. Ele já não tem a peruca, e ela já não tem o bigode.

Ela – Mas o que aconteceu contigo?

Ele – Nada, nada... Um pesadelo. Sonhei que era Natal...

Ela (*olhando-o consternada*) – Mas, querido... é Natal!

15 – Os Móveis

O cenário está vazio. Ele está lá. Ela entra de fora.

Ela (*olhando ao redor, consternada*) – Mas... onde estão os móveis?

Ele (*satisfeito consigo mesmo*) – Nunca vais adivinhar.

Ela olha para ele, esperando uma explicação.

Ele – Um tipo bateu à porta esta manhã. Um antiquário.

Ela (*inquieta*) – E então?

Ele – Primeiro eu disse que não tínhamos nada para vender.

Ela – E depois...?

Ele – Achei que não custava nada pedir uma avaliação de tudo isso. A estimativa era gratuita. Nunca vais adivinhar quanto ele me ofereceu em troca de todas essas antiguidades.

Ela – Quanto...?

Ele – Mais do que o necessário para comprar outros.

Ela – Por que vendê-los então?

Ele – Para mudar um pouco! Disseste que querias comprar um sofá novo.

Ela – E daí?

Ele – Sabes muito bem que ao trocar o sofá também teríamos que comprar outra mesa que combinasse. Depois trocar as cadeiras também, e por aí vai...

Ela – Bem, talvez...

Ele – Teria nos custado uma fortuna! E o que faríamos com os nossos móveis antigos?

Ela não responde.

Ele – Assim é muito mais simples.

Ela – E enquanto isso?

Ele – Enquanto o quê?

Ela – Compramos novos móveis novamente...

Ela olha ao redor do cenário vazio.

Ele – Pessoalmente, nunca gostei muito de quartos cheios de móveis.

Ela – Bem, agora com certeza não está cheio.

Ele – Não estás contente?

Ela – Por não ter móveis...?

Ele – Mas tu disseste que já não gostavas do velho sofá!

Ela – Eu não disse que não queria móveis! Nem sequer temos uma cama!

Ele – Mas acabei de explicar que... pensei em agradecer-te!

Ela (*conciliadora*) – Bem, vamos a um restaurante esta noite. Dormimos num hotel e amanhã compramos móveis de novo. Está bem?

Ele – Está bem...

Silêncio.

Ele – Agora temos que escolher o estilo.

Ela – Se formos mudar, vamos para o moderno, certo?

Ele – Sim... mas nesse caso, teremos que repintar tudo...

Ela (*irônica*) – És um perfeccionista, não achas?

Ele – Móveis modernos com estas pinturas desbotadas não ficariam bem...

Ela (*irônica*) – E se mudarmos de apartamento de uma vez?

Ele – Tu achas? (*Um tempo*) Olha, pelo menos não custaria muito nos mudarmos... Já não temos móveis. Fechamos os contadores de água e eletricidade, saímos e nem sequer precisamos voltar.

De repente, ela tem uma dúvida.

Ela – Pensaste em esvaziar as gavetas?

Ele – Claro.

Ela – E a tua aliança?

Ele – A minha aliança?

Ela – A que guardavas na mesa de cabeceira!

Ele – Caramba...

Ela não diz nada, mas fica claro que está muito chateada. Ele está muito abalado também.

Ele – Faz tanto tempo que estava ali. Eu nem me lembrava...

Silêncio.

Ela – Tens o endereço deste antiquário?

Ele – Não... Ele me pagou em dinheiro, colocou tudo no caminhão e foi embora. (*Um tempo, sem convicção*) Se ele a encontrar, ele vai nos ligar...

Ela (*amarga*) – Claro... E se ele não a encontrar, sempre podes trocar de mulher... Escolher uma mais moderna que combine com as novas pinturas e móveis.

Ele – Desculpa...

Ela – E por que nunca a usaste, a tua aliança?

Ele – Eu a usei! (*Um tempo*) Antes de nos casarmos... Lembra-te? Comprei essas alianças numa loja no Cairo. Para fazer parecer que já estávamos casados. Senão, os hotéis não nos alugavam um quarto.

Ela – Já que vendeste os móveis, até a cama de casal, vamos ter que ir para o hotel esta noite...

Ele – Não te preocupes. Aqui não nos pedirão o certificado de casamento.

Ela – E depois de nos casarmos? Por que deixavas a tua aliança na mesa de cabeceira?

Ele – Bem... com medo de perder.

Silêncio.

Ele – Ainda estás chateada...?

Ela não responde.

Ele – Vamos!

Ela – Para onde?

Ele – Para o hotel! Vai ser como uma segunda lua de mel... Sem alianças, sem móveis, em breve sem apartamento! Vamos começar de novo!

Ela – A minha ainda tenho, a minha aliança...

Ele – Será melhor tirá-la.

Ela – E por quê?

Ele – Pareces casada. Eu não. No hotel vão pensar que se trata de um caso extraconjugal...

Ela – Estás a dar-me a opção entre o celibato e um relacionamento ilegítimo. É isso?

Eles saem.

Ela – Tens uma ideia estranha sobre o casamento...

Saída de Emergência

O projetor ilumina um casal na sala. Ele veste o casaco. Ela acende um cigarro.

Ela (*entusiasmada*) – E então?

Ele (*categórico*) – Péssimo.

Ela (*ofendida*) – Péssimo?

Ele – Totalmente péssimo.

Ela – Então, não entendeste nada?

Ele – Por que, tinha algo para entender?

Ela – Ah, claro...

Ele olha para ela interrogativamente.

Ela – Estás te vingando...

Ele – Estou me vingando...?

Ela – Eu gostei disso, e tu não. É perverso, não achas?

Ele – Se eu não gostei, não vou dizer que gostei só para te agradar!

Ela – Não disseste que não gostaste, disseste que é péssimo. Não é exatamente a mesma coisa...

Ele – Eu não vejo muita diferença, mas tudo bem...

Ela – É péssimo, gostei, então sou péssima.

Ele – Tu que estás dizendo...

Ela – Não, Platão que disse.

Ele – Platão disse que és nula?

Ela – Chama-se silogismo. Todas as mulheres são mortais, sou uma mulher, então sou mortal.

Ele – Se Platão disse... (*Um tempo*) Além disso, não tenho certeza se teu silogismo é muito válido.

Ela – Certo. Continua...

Ele – Mas o que exatamente gostaste nisso?

Ela – Tudo!

Ele – Isso soa vago, não acha?

Ela – E tu? O que não gostaste?

Ele – É melhor não entrar em detalhes. Ficarias chateada de novo...

Ela – Eu? Ficar chateada? Espere, eu não ligo se tu gostaste ou não. Eu gostei, e pronto. Sinto muito por ti se ficaste entediado...

Silêncio.

Ele – Não vamos brigar por causa disso...

Ela – Às vezes me pergunto por que estamos juntos.

Ele a abraça por trás.

Ela – Espero que da próxima vez nós dois gostemos...

Ele – Ou pelo menos tenhamos a mesma opinião...

Ela olha para ele interrogativamente.

Ele – Talvez nós dois tenhamos ficado entediados.

Ela – Sim... É uma visão minimalista da harmonia no relacionamento...

Eles saem.

Escurecimento.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Encontro na plataforma
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um crítico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-056-8

Documento para download gratuito